

Transcrição - Temacast #69 - Tenentismo

PARTICIPANTES DO PROGRAMA

Francisco Seixas

Igor Alcantara

Jorge Virgilio

Equipe de Transcrição:

Carlos Barbosa - <https://www.linkedin.com/in/carlos-barbosa-15491b47/>

Fernanda Marini - Twitter: @femardini

Karla Michelle Braga - Facebook: <https://www.facebook.com/kmmeneses/>

Rafael Rezende - Twitter: @KoreiaPS

Francisco Seixas

[ABERTURA]

Muito bem meus amigos, está começando mais um Temacast. Aqui é Francisco Seixas e hoje vamos falar sobre um conjunto de revoltas que aconteceu no Brasil na década de 1920 durante a **República Velha**. Eu estou falando, vocês já sabem porque esta na vitrine do episódio, do **Movimento Tenentista** e para tratar deste assunto eu tenho aqui comigo Igor Alcantara (Olá ouvintes, Francisco e Jorge. Estamos aqui no nosso episódio 69 e o provavelmente somos o único podcast que não falara sobre sexo no seu episódio 69, no caso) e esta aqui com a gente também o Jorge Virgilio (Olá ouvintes, olá Francisco, Olá Igor. Como assim não vamos falar sobre sexo? Me passaram a pauta errada, estava aqui proibido do funk, a sexualidade na sociedade brasileira). Igor (a gente não vai falar sobre a politica atual).

E não se esqueça que o Temacast **não** chega até você pelo apoio das **Lojas Arapuã**, mas sim através da doação de ouvintes que todo mês contribuem para a realização do programa como, por exemplo o **Carlos Nani** e o **Felipe Roza**. Se você quer fazer parte do nosso time de mecenas e ajudar o Temacast a crescer, entre em nosso site temacast.com.br e descubra mais. Você também pode entrar diretamente em um desses links: patreon.com/temacast ou em apoia.se/temacast.

Este é o episódio #69 que começa agora, então, boralá!

[2:25]

[INTRODUÇÃO]

Quando a gente fala em Movimento Tenentista ou simplesmente Tenentismo, estamos falando sobre uma série de revoltas que foram organizadas e iniciadas por oficiais de baixa e média patente do Exército Brasileiro que queriam mudar algumas questões centrais da política

brasileira. Vale lembrar aqui que tudo isso começou pouco mais de 30 anos depois do golpe da Proclamação da República, então o país ainda estava, e talvez ainda esteja até hoje, engatinhando na democracia. Mas, quem vai falar disso não sou eu e sim o nosso amigo Igor Alcantara. Diga aí Igor, qual era o Brasil do início do Século XX?

Igor Alcantara

[3:04]

[SOBRE A REPÚBLICA VELHA]

Bom, desde a Proclamação da República em 1889, ou como você mesmo disse, o golpe da Proclamação da República até a Revolução de 1930 nós vivemos no Brasil o período conhecido como **Primeira República** ou **República Velha**. Claro que isso é o nome que a gente dá hoje, mas na época eles chamavam apenas de República. Aliás, se você quiser entender um pouco mais sobre esse período, especialmente o final dele, eu recomendo escutar o nosso **episódio 23** sobre a **Revolução de 30** e também o **episódio 18** sobre a **Guerra de Canudos**.

Mas, antes dessa revolução o que nós temos é uma república das oligarquias. Era do interesse dos grandes latifundiários que a política nacional se mantivesse de certa forma estável, mas em um país do tamanho do nosso era muito difícil manter a população dos diferentes cantos sob controle. Por causa disso havia o que ficou conhecido como **Política dos Governadores**. Explicando em poucas palavras, o que acontecia aqui era que o presidente da república apoiava os governadores dos estados, dando a eles muita autonomia e os governadores apoiavam o governo presidencial garantindo, inclusive, a eleição para o congresso de candidatos já pré-determinados. Isso, inclusive foi citado também em nosso **sexto episódio** onde falamos sobre **Lampião**.

E é importante que o ouvinte não confunda essa política dos governadores com a **Política do Café-com-Leite**, também abordada no nosso episódio sobre a Revolução de 30, que era a prática se alternar presidentes hora indicados pela oligarquia paulista e hora indicados pela oligarquia mineira. A política do café-com-leite era consequência da política dos governadores e ambas se sustentavam em algo que nós já falamos num episódio específico: o **Coronelismo**.

Mas, como que essas oligarquias conseguiram manter essa estrutura de poder sem o risco de que um grande nome da oposição surgisse e fosse eleito? Bom, aí entrava o poder dos grandes latifundiários locais que obrigavam as pessoas de sua região a votar nos candidatos que eles indicavam. Não vamos repetir aqui o que já falamos no episódio sobre o Coronelismo, mas imagine você como era votar naquela época. Você era pobre, mal tinha o que comer. Quando chegava no local de votação você via lá dentro os capangas do latifundiário local armados e vigiando em quem você votava. Às vezes o voto era trocado por grãos, tipo arroz, feijão, milho, outras vezes por galinha, um par de sapatos, uma enxada nova, enfim, algo que a pessoa tenha necessidade, ou muitas vezes por nada, você votava para não apanhar ou morrer.

Em um sistema assim, não havia nenhuma perspectiva de mudança e foi por isso que algumas pessoas resolveram se levantar e exigir que as coisas mudassem.

Jorge Virgilio

[6:51]

[REVOLTA DOS 18 DO FORTE DE COPACABANA]

E essa indignação era especialmente forte nos quartéis, ainda mais nos estados que haviam sido protagonistas até o século anterior e que agora não estavam mais no centro do poder. Vamos falar mais uma vez aqui que a República Velha era dominada pela **Política do Café-com-Leite** que alternava o poder entre políticos indicados uma vez por São Paulo e outra vez por Minas Gerais. Não era necessariamente políticos de São Paulo ou de Minas, mas tinham que ser indicados por essas elites. Era como se o Temacast fosse controlado apenas pelo Francisco, que é paulista, e pelo Igor, que é mineiro, e deixassem o carioca aqui de fora.

Então você está falando que o Temacast antes de você era a República Velha e agora estamos na Nova República Temacastiana?

Você que disse isso, não eu, mas voltando ao assunto, as oligarquias de outros estados como o Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul ficaram incomodadas com essa política e isso chegou também aos militares.

Para situar o ouvinte, nós estamos aqui no início da década de 1920. O presidente era Epitácio Pessoa que, mesmo tendo nascido na Paraíba, era apoiado pelo **Partido Republicano Mineiro**. Aliás, ele foi eleito em 1919 em um pleito contra o já velho **Rui Barbosa** em uma eleição em que ele nem estava no Brasil. Epitácio Pessoa estava representando o país na **Conferência de Versalhes** na França, essa mesma conferência que decidiu sobre as penas que seriam aplicadas à Alemanha após a derrota na Primeira Guerra Mundial. Esse foi o único caso de um presidente do Brasil que foi eleito estando no exterior.

Epitácio Pessoa teve que lidar com essa insatisfação popular. Aliás, existem historiadores que dizem que ele foi o candidato escolhido da situação por ser do nordeste. Havia a esperança de que isso acalmasse os ânimos, mas não foi bem o caso, especialmente depois de uma notícia falsa que viralizou na época e que eu vou explicar agora.

O candidato escolhido pelo *Status quo* para substituir Epitácio Pessoa foi o mineiro **Arthur Bernardes**. Ainda seguindo a lógica da Política dos Governadores, ele foi apoiado por quase todos os estados. As exceções foram Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul. Esses estados criaram a **Reação Republicana** e apoiaram o fluminense, maçom e ex-presidente (de 1909 a 1910) **Nilo Peçanha** [nota explicativa sobre “fluminense”]. E esses estados decidiram enfrentar o governo por acharem que tinham o exército do seu lado depois de um evento em 1921 que acendeu um pavio que já estava curto.

Neste ano de 1921, o jornal carioca Correio da Manhã publicou cartas supostamente enviadas pelo Artur Bernardes ao deputado federal **Raul Soares**, que era um dos seus principais apoiadores. Nessas cartas figuravam insultos às Forças Armadas e ao **Marechal Hermes da Fonseca**, um ídolo do Exército Brasileiro e que foi presidente de 1910 a 1914. Isso na época foi um escândalo e deixou o pessoal nos quartéis muito irritados. Artur Bernardes sempre negou

ter escrito aquelas coisas e até contratou peritos, conseguindo provar que as cartas eram falsas. Só que o estrago já estava feito. “Tem presidente que contrata peritos para periciar gravações”, (francisco Seixas)

Temendo um golpe militar, Eptácio Pessoa desistiu de atuar na sua sucessão e não fez campanha para Arthur Bernardes. Em uma eleição muito disputada, em 1 de março de 1922, Artur Bernardes foi eleito presidente derrotando o candidato Nilo Peçanha com apenas 56% dos votos válidos, uma diferença de menos de 150 mil.

Houve suspeita de fraude e o **Clube Militar** pediu a criação de um tribunal de honra para legitimar os resultados eleitorais. O Congresso, dominado pela situação, reconheceu a chapa eleita. O presidente do clube militar era, veja só, o próprio Marechal Hermes da Fonseca e, após toda a pressão feita, ele foi preso e o Clube Militar fechado no dia 2 de Julho de 1922. Vale lembrar que aqui o presidente ainda era Eptácio Pessoa. Arthur Bernardes só iria assumir no dia 15 de Novembro, que era data que os presidentes assumiam o cargo naquela época, devido à data da Proclamação da República.

Diversas unidades militares no estado do Rio de Janeiro se prepararam para um levante no dia 5 de Julho. No entanto, apenas o Forte de Copacabana e a Escola Militar se revoltaram. Entre as exigências feitas estavam a instituição do voto secreto e a reforma da educação pública.

Apesar da posição contrária à política café-com-leite, os militares de alta patente acabaram por não aderir ao movimento. A informação de que um golpe estava sendo planejado chegou até o governo que tratou de trocar os principais comandos militares da capital do país que era nesta época, como vocês sabem, o Rio de Janeiro.

O Forte de Copacabana, aliás, era comandado pelo Capitão Euclides Hermes da Fonseca, filho do Marechal preso. Como apenas duas unidades militares aderiram ao levante e os oficiais mais graduados ficaram de fora, essa revolta foi facilmente vencida. Mesmo assim, eles não estavam sozinhos. Alguns civis se juntaram à iniciativa, somando 301 revolucionários.

Durante toda a manhã do dia 5 de Julho, o forte sofreu bombardeio da Fortaleza de Santa Cruz da Barra, que fica do lado oriental da barra da Baía de Guanabara, mas os 301 militares e civis mantiveram-se firmes até que, às 4h da manhã do dia 6, Euclides Hermes e o tenente Siqueira Campos sugeriram que desistissem da luta aqueles que quisessem: apenas 29 decidiram continuar.

Para tentar uma negociação, o Capitão Euclides Hermes saiu da fortaleza, mas acabou preso. Os 28 restantes continuaram resistindo e chegaram até a marchar pela Avenida Atlântica em direção ao Leme. Alguns, porém, se dispersaram.

Apenas 17 militares continuaram e partiram nessa marcha e a eles se juntou mais um civil, Otávio Correa. Eles foram finalmente derrotados em frente à Rua Barroso (atual Siqueira Campos), na altura do Posto 3 de Copacabana. Não há um consenso sobre o número de mortos, mas fala-se em 18, sendo 3 oficiais, 2 sargentos e 13 soldados.

Mas Jorge, eu fiquei com uma dúvida. Se o Capitão Hermes saiu do Forte para negociar e foi preso, por que os demais decidiram sair para marchar na Avenida Atlântica?

Bom Francisco, isso foi um ato de heroísmo. Eles não queriam se entregar, então decidiram morrer com honra. Em entrevista à Gazeta de Notícias, o **Tenente Newton Prado**, que viria a falecer mais tarde em decorrência dos ferimentos, diz "Ficamos eu, o Tenente Siqueira Campos e quatorze soldados. Às duas horas da tarde saímos do forte para morrer". A eles se uniram, na hora do levante, o Tenente Eduardo Gomes (ferido em combate) e Mário Carpenter (morto em combate). Este último pertencia ao 3º Regimento de Infantaria e se recusou a atacar colegas de farda. Na rua, conforme eu já citei, se uniu ao grupo também Otávio Corrêa, o que leva a soma a 19.

Ainda na Gazeta de Notícias são dados como mortos 14 revoltosos, além de 5 feridos. Entre os legalistas, aqueles que apoiavam o governo, seriam 10 mortos e 4 feridos. Já O Cruzeiro afirmaria anos mais tarde, em 18 de setembro de 1964, que 33 soldados governistas foram mortos. O Correio da Manhã noticiou 30 feridos, entre ambas as forças, 13 praças e 1 "inferior" (provavelmente sargento) e o 2º Tenente Mário Carpenter entre os revoltosos, mas a essa altura o tenente Newton Prado ainda não havia falecido.

Entre os tenentes, apenas o paulista Siqueira Campos e o carioca Eduardo Gomes sobreviveram. Alguns praças, porém, sobreviveram e fugiram ou foram presos. Segundo outras fontes, teriam morrido, entre oficiais e praças, 12 pessoas no dia 6 e mais duas no dia seguinte, num total de 14 mortos.

De todo modo, independente de quantos morreram ou foram feridos, esse ato de coragem e rebeldia comandado por tenentes e capitães é o primeiro em uma série de eventos que chamamos de Tenentismo. Aquilo foi só o começo, mais coisa ainda estava por vir.

[15:51]

[REVOLUÇÃO DE 1924]

Francisco Seixas:

E olha Jorge, essas revoltas não aconteciam somente nos estados **fora** do eixo Pizza-Pão-de-Queijo, ou melhor, São Paulo-Minas Gerais. Algumas vezes esses conflitos começam também nesses estados. Esse foi o caso, por exemplo, da **Revolução de 1924** que também tem outros nomes como **A Revolução Esquecida**, **Revolução do Isidoro**, **Segundo 5 de Julho** ou então **Revolta Paulista de 1924** (que já mencionamos aqui no episódio 57 - Serviço Secreto Brasileiro Parte 1). Esse evento começou exatos 2 anos após a Revolta do Forte de Copacabana, no mesmo 5 de Julho, mas de 1924. Ela durou mais tempo, como a gente vai ver, e é até hoje o maior conflito bélico acontecido na cidade de São Paulo.

Só de analisar os diversos nomes dessa revolta a gente já consegue entender alguns fatos. Por exemplo, a data como eu já falei ou o local, mas tem também quem a comandou e por isso algumas pessoas chamam de a **Revolução do Isidoro**. Essa revolta foi comandada por um general reformado, o gaúcho chamado **Isidoro Dias Lopes**, que era ex-combatente da Revolução Federalista de 1893. Ou seja, o comandante da rebelião não era um tenente como nas demais revoltas tenentistas, mas mesmo assim a maior parte dos oficiais que a apoiaram e lutaram nela eram tenentes.

Dentre eles, eu posso citar o cearense **Joaquim do Nascimento Fernandes Távora** (que foi morto na revolta); o irmão dele **Juarez Távora** que depois acabou inclusive participando da Revolução de 30, o **Miguel Costa**, que nasceu lá em Buenos Aires na Argentina, mas viveu desde a infância em SP (uma parte da infância em Piracicaba e outra parte na capital paulista), tendo sido major da Força Pública do Estado de SP, que depois se tornaria a Polícia Militar de SP; o já citado **Eduardo Gomes**, que foi um aviador do Exército brasileiro, e que depois de ter participado da Revolta do Forte aderiu à Coluna Prestes, participou da Revolução de 30 e ainda seria ministro da aeronáutica 2 vezes no futuro, nos governos Café Filho e Castelo Branco e que hoje é o patrono da Força Aérea Brasileira, dá nome ao aeroporto de Manaus e o Aterro do Flamengo, cujo nome oficial é Parque Brigadeiro Eduardo Gomes; teve também o gaúcho **Arthur Índio do Brasil**, que havia sido deputado e senador e, apaixonado por astronomia, havia sido incumbido por D. Pedro II de estudar a passagem do planeta Vênus pelo disco solar e também tinha o paulista **João Cabanas**, filho de imigrantes espanhóis, membro da Força Pública do Estado de SP, e que participou também da Revolução de 30 e chegou a ter a fama de invencível. O grupo que esse cara comandou nessa revolta de 1924, aliás, era chamado de **Coluna da Morte**. Ele também foi o primeiro militar brasileiro a usar a chamada “guerra psicológica”.

Jorge Virgílio:

Grande time esse, parece até Os Vingadores ou a Liga da Justiça, mas, no final, o que eles queriam com essa revolta?

Francisco Seixas:

Bom Jorge, em 1924 o presidente era Arthur Bernardes e você comentou sobre aquela crise das cartas que antecedeu a Revolta do Forte de Copacabana. Desde então, ele **não era** muito popular entre os militares. Além disso, com a permanência do mesmo sistema político desde 1894, eles exigiam basicamente o mesmo que foi exigido em 1922, só que desta vez com uma coisinha a mais que era a justiça gratuita. Só que na verdade o que eles pretendiam mesmo era depor o presidente Arthur Bernardes.

Pois bem, a revolta se iniciou na capital paulista em 5 de julho de 1924 que era o 2º aniversário da Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, e ocupou a cidade por 23 dias. Inclusive, o presidente do estado, um tal de **Carlos de Campos** foi obrigado a fugir para o bairro da Penha, na zona leste de São Paulo, em 9 de julho depois que o **Palácio dos Campos Elísios**, que era a sede do governo paulista na época, foi bombardeado. E essa data 9 de Julho foi só uma

coincidência e não está relacionado ao feriado ou nome de avenidas. Essa data só se tornou famosa na **Revolução de 1932**, que abordamos lá no episódio 24.

Eu disse que o presidente do estado Carlos de Campos ficou instalado em um vagão de trem adaptado, na **estação Guaiaúna**, da Central do Brasil, onde se encontravam também as tropas federais vindas de Mogi das Cruzes. Já no interior do estado, aconteceram rebeliões em várias cidades, com tomada de prefeituras e prédios públicos.

Com a fuga do presidente do estado que, aliás, era assim que eram chamados os governadores na época, presidente do estado. Então, com a fuga dele, o governo de São Paulo foi considerado vago e os revoltosos entraram em contato com o vice-presidente do estado, que era o **coronel Fernando Prestes de Albuquerque** em Itapetininga convidando-o para assumir o governo revolucionário em São Paulo. Como ele era militar, ele teria o apoio dos tenentistas e poderia ajudar a levar a revolta ao Rio de Janeiro a fim do que? De derrubar Arthur Bernardes. Só que o coronel Prestes, que já até havia organizado um batalhão em defesa da legalidade, ou seja, em apoio ao governo, lá na região da Estrada de Ferro Sorocabana, respondeu o seguinte aos revoltosos: [abre aspas] "só aceitaria o governo das mãos do Dr. Carlos de Campos, livre, espontaneamente, legalmente!" [fecha aspas]

A resposta de Arthur Bernardes não tardou a chegar. Então o que aconteceu? A cidade de São Paulo foi bombardeada por aviões do Governo Federal. O exército legalista utilizou-se do chamado "bombardeio terrificante", atingindo vários pontos da cidade, em especial bairros operários, como a Mooca e o Brás, e de classe média, como Perdizes.

Igor Alcântara:

Você consegue imaginar uma coisa dessas? A cidade de São Paulo sendo bombardeada? Acredito que a maioria dos ouvintes não sabe que isso já aconteceu.

Francisco Seixas:

Além de não saber, não se fala disso. E por isso que a gente está fazendo este episódio.

Jorge Virgílio:

Isso é uma coisa curiosa, como a gente esconde certos fatos que não são interessantes pro governo. E só comentando rapidamente, a gente aprende que no Brasil as coisas sempre foram muito pacíficas, daí quando você começa a estudar a História do Brasil, você vê que de pacífica a história do Brasil não teve nada. Se a gente somar todas as revoluções que teve no Brasil, a gente já teve mais guerras civis do que os Estados Unidos.

Francisco Seixas:

Exatamente! Voltando aqui ao assunto, sem poderio militar equivalente para enfrentar as tropas do governo, ou seja, não tendo nem artilharia e nem aviação, os rebeldes retiraram-se para Bauru (interior de São Paulo) na madrugada do dia 28 de julho, onde **Isidoro Dias Lopes** ouviu a notícia de que o exército legalista se concentrava na cidade de Três Lagoas, no atual

Mato Grosso do Sul. Às 10 horas da manhã de 28 de julho Carlos de Campos acabou retornando ao seu gabinete lá no Palácio do Governo.

Então **Isidoro Dias Lopes** e **Juarez Távara** planejaram um ataque à Três Lagoas onde estava o exército legalista. Só que deu ruim. Em Três Lagoas, ocorreu a maior derrota dos revoltosos. Um terço das tropas revoltosas morreu, feriram-se gravemente, ou foram capturadas. O saldo final aponta a morte de mil pessoas e 4 mil feridos.

Um inquérito feito pelo Governo do Estado de São Paulo, logo após o fracasso do movimento de julho de 1924, detectou inúmeros casos de vandalismo e estupros no interior do estado de São Paulo, especialmente sob os olhos do Tenente João Cabanas, que, conforme eu já falei, comandava um grupo de revoltosos que foi denominado como a Coluna da Morte. O inquérito também apurou que muitos coronéis do interior que faziam oposição ao Dr. Carlos de Campos (que era o governador, presidente do estado de São Paulo) apoiaram o movimento subversivo de julho.

O general de divisão Abílio Noronha, comandante da 2ª Região Militar, que abrangia São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, acusou políticos de estarem por trás da revolta, incitando os militares a aderirem à revolução.

O general Noronha criticou também a retirada precipitada, da capital paulista, do presidente do estado e das tropas leais a ele, alegando que o governo paulista tinha condições de ter resistido e vencido os revoltosos logo no início da revolta e dentro da cidade de São Paulo.

Os tenentes e demais militares que participaram desta revolta e das demais revoltas da década de 1920 receberam anistia dada por Getúlio Vargas logo após a vitória da Revolução de 1930. Afinal esses tenentes haviam apoiado o golpe dado por GV conforme vimos lá no nosso episódio 23 do Temacast.

E essa revolução, apesar de esquecida nas nossas aulas de História, ainda é comemorada anualmente lá no bairro de Perdizes, em São Paulo. Então, lembrando, a Revolução de 1924 aconteceu de 5 a 28 de Julho. E quando ela estava já no meio, do meio pro final, outro movimento tenentista estourou no norte do país, e eu vou falar pro Igor conta pra gente.

[25:40]

[COMUNA DE MANAUS]

Igor Alcântara:

É bom deixar claro aos ouvintes que nós estamos citando apenas os movimentos mais importantes dessa época, porque a gente não vai falar de todos, obviamente, mas essas revoltas acabaram estourando em diversos locais no país inteiro.

Saindo do sudeste do Brasil, os estados do norte estavam enfrentando uma forte crise, especialmente como consequência do fim do ciclo da borracha. Ciclo da borracha? O que foi isso?

Bom, os europeus tinham há muito tempo interesse em uma substância pegajosa e flexível que os índios extraíam da seiva da seringueira e era usada para moldar diversos objetos, mas eles não conseguiam manipular muito bem a substância, que vinha repleta de impurezas. E essa substância, esse látex era aquecido, ele ficava mais flexível, mas também mais pegajoso. Se era resfriado, ficava menos pegajoso, mas mais duro e mais difícil de manipular, então não se conseguia chegar num meio termo. Além disso o processo primitivo de extração trazia junto várias impurezas.

Mas aí surgiu um estadunidense chamado **Charles Goodyear** (pelo nome vocês imaginam o porque esse cara ficou famoso) que em 1839 inventou um método chamado **vulcanização** que combinava calor e pressão para tornar a borracha utilizável pela indústria. Então ele acabou balanceado aquelas duas questões que eu comentei.

Bom, resumindo a história toda, a borracha começou a ter (por causa dessa descoberta e que agora ela poderia ser manipulada) uma demanda muito grande, mas era de difícil obtenção já que as seringueiras estavam em locais de difícil acesso, em mata adentro. Só que quem se aventurasse neste mercado tinha lucros imensos, então muita gente acabou tentando a sorte e os estados da Amazônia Legal passaram a fornecer esse material para o mundo inteiro, de forma quase exclusiva. E aqui a gente começa o primeiro **Ciclo-da-Borracha** que foi 1879 a 1912. Nesse período, que começa no império brasileiro e termina na república, muito dinheiro acabou circulando alí na região norte. E Manaus chegou, inclusive, a ser chamada de "**Paris dos Trópicos**". Foi lá, inclusive, um dos primeiros locais no Brasil a receber energia elétrica para iluminação pública, depois de **Campos dos Goytacazes** e antes mesmo da capital do país, o Rio de Janeiro. São desta época também o maravilhoso e lindo **Teatro Amazonas**, o **Cine Olympia** em Belém, que era um dos mais luxuosos no início do Século XX, a **Ponte Benjamin Constant** e vários outros prédios e monumentos públicos.

Jorge Virgílio:

Igor, só fazendo um comentário aqui rapidinho, você falou sobre essa questão de que Manaus chegou a ter energia elétrica antes da capital do país, é que nessa época tinha um monopólio, tanto no Rio quanto em São Paulo, tinha instalado um sistema a gás de iluminação pública na cidade, no centro das duas cidades, e era uma companhia belga que era dona, a Société Anonyme du Gaz (SAG), por isso a energia elétrica demorou a chegar nessas cidades. No Rio de Janeiro, por exemplo, só na reforma do Pereira Paz em 1904 é que se começou a ter iluminação elétrica. E sobre esse termo, Paris dos Trópicos, ele chegou a ser aplicado a várias cidades aqui no Brasil. Então começou com Manaus, Belém também disputava esse título e mais tarde, na reforma que o Rio vai sofrer no século XX já no período republicano, também vai ser chamado de Paris dos Trópicos. Isso uniu um pouco da ideia do governo brasileiro de tentar demonstrar que era possível existir uma civilização tropical. Porque nessa época, as teorias racialistas, elas eram muito fortes na comunidade científica, e não era assim uma coisa de maluco você ser

racista, era uma coisa discutida nas maiores universidades do mundo e havia essa teoria de que era impossível haver civilização nos trópicos. Então essa ideia de se combinar a natureza tropical com uma cidade civilizada, com grandes teatros etc e com grandes avenidas foi uma obsessão até, do governo brasileiro. Então, esse título faz você combinar a ideia de Paris, capital da civilização com os trópicos, fazendo quase que uma junção contraditória aí nos termos.

Igor Alcântara:

Interessante esse seu comentário, Jorge, principalmente essa parte final que me lembra que a literatura, inclusive, refletia esse pensamento. Você vê muitas obras deste período em que mostrava o ser civilizado europeu chegando na África ou nos países dos trópicos -América ou Ásia - e ele se encontrava com pessoas que pareciam animais e as vezes algum daqueles europeus se perdiam e acabavam vivendo com animais e tal, como por exemplo o Mogli, Tarzan, várias dessas obras, e é uma metáfora. Aquela coisa do Mogli ser criado por animais, os animais são uma metáfora ao povo africano, assim, é uma coisa de um racismo, que a gente acaba poetizando isso com desenho e tal, a Disney acabou poetizando isso, mas é de um racismo profundo nessas obras.

Mas enfim, vamos voltar aqui e falar do Ciclo da Borracha, depois desse auge o monopólio da borracha acabou chegando ao fim depois que ingleses roubaram sementes de seringueira da Amazônia e começaram a cultivar essas árvores em suas colônias lá na África e Ásia. Esses locais estavam mais próximos ao mar e a extração e transporte do látex ficou mais fácil e mais barato. Parecido com o que aconteceu, também, com o ciclo da cana de açúcar no Brasil, quando a cana foi plantada em outros locais e o Brasil acabou se dando mal, enfim... e por causa disso chegava ao fim o ciclo da borracha.

Francisco Seixas:

Mas Igor, esse episódio não é sobre o Tenentismo? Aliás, estou falando contigo, mas serve para o Jorge também. Vocês estão viajando um monte aí. Vamos falar sobre o Tenentismo? É sobre o Tenentismo ou não é Igor?

Igor Alcântara:

É sim, é sim Francisco. Mas o ouvinte vai entender porque eu fui lá atrás pra explicar isso, porque tem a ver com essa revolta que aconteceu no norte do país. A crise no preço do látex da seringueira gera problemas socioeconômicos em toda a região amazônica, especialmente no Estado do Amazonas. Isso gerou divergências entre grupos que dividiam o poder e que lá, no apogeu da borracha, viviam em uma relativa paz. Isso sem contar o alto desemprego, que gerou pobreza e aumento da violência. De repente, muita gente que tinha migrado para aquela região para extrair o látex estava sem nenhuma fonte de renda.

A situação chegou a ser caótica no Amazonas. Vamos entender aqui, melhor, o porquê. Aquelas diversas facções que dividiam o poder era criticadas e acusadas de corrupção administrativa. E isso com o povo passando fome. O governo estadual, para tentar sanar essa

crise, buscou auxílio ao governo federal, porém só conseguia empréstimos nos momentos de maior estado crítico e que resultaram em grandes endividamentos do estado.

Avançando um pouquinho o tempo, em 1921 houve eleições para o governo do estado do Amazonas. As oligarquias locais apoiavam o nome de César do Rego Monteiro. Ele acabou sendo derrotado nas urnas. Enfim, a gente sabe que o Coronelismo o estado do Amazonas era menor do que nas outras regiões, era mais difícil controlar o voto. A oposição, apoiada por parte das forças armadas, conseguiram mobilizar a população a votar em seu candidato. Só que, ignorando o resultado das urnas, as oligarquias usaram algumas artimanhas jurídicas, anularam vários votos, obviamente de que esses votos eram votos para a oposição, de modo que o candidato da situação, que no caso era o César do Rego Monteiro vencesse.

Foi assim que César do Rego Monteiro foi empossado pelo presidente Epitácio Pessoa para o mandato de 1921 a 1924. A posse dele causou uma enorme agitação popular. Em 5 de Outubro de 1921, o jornal "A Liberdade" descreveu assim o evento: [abre aspas]

"... Manaus era uma praça de Guerra desde o Palácio da Justiça, onde estava reunido superior tribunal de Justiça, até o Palácio Rio Negro, estendiam-se em alas as forças federais para garantir a investidura de César do Rego Monteiro no governo do Estado." [fecha aspas]

Enfim, é óbvio que o povo não iria aceitar aquilo. Devido a crise econômica, há fome que a população passava e tentativas de levantes em busca de alimentos nas propriedades (estavam saqueando para comer, a situação realmente estava crítica). A violência e a insatisfação popular acabaram crescendo durante o governo Rego Monteiro até (o pessoal ficava pixando os muros com "fora Rego" e, enfim, "golpe não"... aquelas coisas todas... estou brincando, claro que não aconteceu assim, mas a revolta era grande, só que acabou passando pelo governo e o governo dele acabou se aproximando do fim. Aproximavam-se novas eleições e havia divergências bem grandes em relação ao possível sucessor dele, que era o senador Aristides Rocha.

Então neste momento havia uma crise econômica e política no estado. Durante o governo Rego Monteiro houve o levante do Forte de Copacabana (que já foi comentado aqui) e já no final do governo dele chegam notícias da Revolução Paulista de 1924 (que a gente também comentou aqui). Então já haviam acontecido duas grandes revoltas tenentistas, além de várias outras pequenas revoltas que aconteciam no país inteiro. Ao mesmo tempo, rebeliões tenentistas aconteciam em todo país e vários desses líderes rebeldes, com o objetivo de afastá-los do local em que atuavam e que eles tinham influência.

#parte 4

[35:31] Igor: Eles foram transferidos para Manaus. A ideia era deixar eles longe dos centros onde tinham acontecido aquelas revoltas. Então eles foram transferidos para Manaus e Belém. Só que, enfim, aquela coisa... Eles chegaram lá, viram a insatisfação das pessoas, começaram a conversar com tenentes e soldados e organizaram um movimento para a tomada do poder. Eles basicamente transferiram essas revoltas, transferiram essa revolução, para outros locais.

A população, que já estava, enfim, com a paciência esgotada com tudo aquilo, recebeu com muita simpatia as notícias destas diversas rebeliões que estavam acontecendo e isso acabou provocando uma atitude decisiva. Enfim, a insatisfação havia; havia esse tipo de revolta no país inteiro; e havia a simpatia da população. Então era o que o pessoal precisava pra colocar aquilo em ação. Os militares da Guarnição de Manaus, que estavam se preparando para um levante, decidem iniciar essa revolta no dia 23 de julho de 1924. Na capital do Amazonas, os militares, com essa iniciativa, estavam aderindo aos propósitos dos rebeldes de São Paulo. Houve, desde o início de julho, boatos sobre esse possível levante que estava acontecendo. Estava rolando essa conversa.

O governador Rego Monteiro, que estava na Europa fazendo uma viagem oficial, ele deixou em seu lugar **Turiano Meira**. Turiano foi informado pelo presidente do país na época, Arthur Bernardes, sobre os boatos de um possível levante, mas ele, enfim, não fez nada. Os rebeldes, numa operação militar rápida e muito bem planejada, eles conseguiram dominar a situação, porque a força policial não tinha pessoal suficiente para resistir ou mesmo contra-atacar. Os rebeldes realizam prisões de autoridades e de pessoas ligadas ao grupo do presidente do Estado, o Rego Monteiro.

Os militares isolaram Manaus do resto do Brasil por mais de um mês, pois eles tomaram as estações de telégrafos e as estações telefônicas, além de se apropriarem do navio à vapor "Bahia", que estava ancorado em Manaus. Eles possuíam críticas aos poderes constituídos da República brasileira, que estava afastada dos ideais democráticos. Lembrando que a Proclamação da República foi uma proclamação militar; foi um movimento militar. Então, havia essa ideia de que essa Nova República, que hoje a gente conhece como Velha República, ela estava traíndo aqueles ideais do Deodoro e dos outros que vieram junto a ele. Então, esses militares de Manaus, eles se viam como os "legítimos mandatários do povo". Eles viam neles a legitimidade que eles não viam no outro, até porque, a gente sabe, que as eleições eram manipuladas. E, enfim, eles tinham essa ideia de acordo ali muito em uníssono com as ideias dos revoltosos de São Paulo. Lembrando que aqueles revoltosos de São Paulo, quando capturados, foram transferidos pra lá. Então, com essa revolta eles conseguiram dominar a cidade de Manaus e eles colocaram como novo governador do movimento o militar, o tenente, **Alfredo Ribeiro Junior**. Então aí eles tomaram e estava, desta forma, instituída a Comuna (prefeitura) de Manaus. Lembrando aqui que Comuna, no caso, é sinônimo de Prefeitura. Então você vê: tem a Comuna de Paris, enfim vários movimentos com esse nome.

[38:45]

Francisco Seixas

É que tem gente que vai associar Comuna a Comunismo, né, então foi bom você explicar.

[39:48]

Igor Ancântara

É, inclusive pode depois subir a Internacional aí, né? [risadas]

Falando sério agora.

A Comuna de Manaus foi um dos únicos movimentos tenentistas a, de fato, tomar o poder no Brasil. De Manaus eles avançaram para a cidade de Óbidos, que fica a 500 km de Manaus, e a 780 km de Belém. Então fica mais ou menos no meio do caminho. E essa cidade de Óbidos tinha dois fortes e ela estava em uma ótima posição estratégica, porque ela estava ali na parte mais estreita do Rio Amazonas. Era o dia 26 de julho quando eles conseguiram o apoio dos fortes de Óbidos, tomam a cidade e seguem para o Maranhão, Pará e Piauí.

As decisões eram tomadas pelos militares, com os civis ocupando os cargos burocráticos. Os revoltosos, eles viam os governantes como "maldosos" ou como "traidores passivos da nação", semeadores da ilegalidade, do descrédito, da miséria, da degradação e da desonra. Para isso, havia a necessidade, então, segundo eles, de uma moralização da política. E aí eles tomam algumas medidas e algumas dessas medidas dão ao tenente Ribeiro Junior, esse que era o novo Governador do Estado do Amazonas a partir ali do Governo da Comuna de Manaus. Tem várias medidas e ele acaba ganhando muita popularidade por causa dessas medidas.

Então eu vou citar só duas dessas medidas:

* A primeira é o conhecido Tributo da Redenção – para reaver o dinheiro retirado do Tesouro, o governo realiza confiscos bancários, leilões de bens móveis e faz cobranças de impostos atrasados a empresas inglesas. Aí se mexeu com capital estrangeiro você está querendo criar problema, né?

* E uma outra medida foi a criação de impostos mais altos para os ricos. Então, Comuna não é sinônimo de Comunismo, mas as ideias, elas estão muito próximas das ideias marxistas.

Tudo o que foi expropriado foi deixado sob a administração da Comuna de Manaus. Os tenentes se transformam em heróis para a população manauara e a população acaba apoiando esses tenentes desde o início da revolta. Contando com esse apoio, Ribeiro Junior permaneceu no poder até o dia 28 de agosto, quando chegaram a Óbidos e a Manaus as tropas do Destacamento do Norte, comandadas pelo general João de Deus M. Barreto. As "rebeliões do norte", como era chamado o levante no Amazonas, foram reprimidas após as tropas legalistas terem atacado e vencido São Paulo e Sergipe. Ribeiro Junior foi condenado a 1 ano e quatro meses de prisão. Não houve resistência, porque ele não queria que houvesse chacina ou mortos. Quando ele viu que ele não ia vencer, eles acabaram se entregando.

Considerado o mais bem sucedido movimento tenentista, chegando mesmo a tomar o poder e nele permanecendo por mais de um mês, chegaram a proclamar e pôr em prática algumas medidas de caráter social e nacionalista. Por isso, contaram com grande apoio civil e do funcionalismo público e me lembra bastante a Comuna de Paris, lá em 1871, que a gente comentou lá no episódio da Belle Époque.

Bom, mas vocês devem estar cansados de ouvir a minha voz. Então eu vou passar a palavra para uma pessoa que tem a voz bem mais bonita que a minha e que fala bem do que eu, meu amigo Jorge.

[42:21]

Jorge Viirgilio

[COLUNA PRESTES]

Pois é, Igor, mas antes de falar desse movimento, eu preciso voltar no começo do episódio quando eu falei sobre a **Revolta do Forte de Copacabana**. Nesta época havia um tenente gaúcho que servia no Rio de Janeiro, tendo se formado na **Academia Militar das Agulhas Negras**, que é a escola do oficialato do Exército, lá em Resende. Ele acabou não aderindo à essa revolta porque na época estava de cama, mas conhecia vários daqueles rebeldes e concordava com as ideias que eles defendiam. Eu estou falando, claro, de **Luís Carlos Prestes**.

Pouco tempo depois do início do movimento tenentista, Prestes foi promovido a Capitão e transferido para **Santo Ângelo**, no seu Estado de origem, o Rio Grande do Sul. Lá ele assistiu à evolução dos levantes tenentistas em São Paulo, em Manaus e em outros locais do país. Inspirado por esses ideais, ele começou a organizar um movimento semelhante no sul do país, mas com aspirações nacionais ao invés de apenas movimento local.

Com a derrota tenentista na **Revolução Paulista de 1924**, tropas de São Paulo, lideradas por **Miguel Costa**, se refugiaram no interior e depois marcharam para a cidade de **Foz do Iguaçu**, lá no Paraná. Ali eles encontraram as tropas do Capitão Prestes que tinham marchado do Rio Grande do Sul naquela direção, fazendo o percurso e indo no sentido contrário. .

Estavam então em Foz o grupo conhecido como **Coluna Paulista**, que procurava se reorganizar, e o movimento chamado de **Coluna Riograndense**. Lá essas duas Colunas elas unem forças e criam a **Coluna Miguel Costa - Luís Prestes**, que depois ficou conhecida pelo nome de **Coluna Prestes**. Do Paraná, eles partiram em marcha por todo o país. A pé e a cavalo eles chegaram a andar cerca de 25 mil quilômetros, passando por 11 estados, em um período de 2 anos, entre 1925 e 1927.

Uma crítica que Prestes tinha em relação à Revolução Paulista era a fragilidade ideológica do movimento e o baixo engajamento da população. Ele considerava a **Comuna de Manaus** como um exemplo a ser seguido. Por isso, era fundamental que na marcha pelo país que o foco fosse mais na doutrinação, digamos assim, das populações mais pobres e menos no combate militar.

Esse grupo percorria as cidades, especialmente no interior, caminhando e entrando em contato com as pessoas, tentando esclarecê-las sobre seus objetivos e posicioná-las contra a forma de governo vigente. Alguns dos objetivos da coluna:

- Fim da exploração dos mais pobres pelos coronéis,
- Acabar com a falta de democracia;

- Acabar com as fraudes eleitorais;
- Implantar o voto secreto;
- Instituir o ensino fundamental para todos os brasileiros;
- Acabar com a miséria e a desigualdade no país.

Luís Carlos Prestes, chamado de “*O Cavaleiro da Esperança*” era o ícone do movimento, mas o líder de fato era o Miguel Costa. No entanto, era Prestes quem, com suas ideias e discursos, inspirava as pessoas e mantinha o movimento vivo, apesar das adversidades e perigos. E também porque ele devia ter um marqueteiro melhor [risinhos irônicos]

A tática de combate escolhida pela Coluna Prestes era a de fugir dos ataques e confrontos com as tropas federais e, quando atacar, usar táticas de guerrilha de atacar e correr, de modo a compensar a desvantagem em números e equipamentos.

#Parte 5

[45:34]

Jorge Virgílio

Por isso, acredita-se que as baixas ocorriam em maior número devido às doenças e não pelas batalhas. Sabendo não ter chances num confronto direto contra as tropas inimigas, o despistamento era outra tática usada pelo grupo, que espalhava boatos sobre um suposto local para onde estaria se dirigindo, quando, na verdade, estava bem distante desse lugar.

E aqui eu só queria fazer um comentário: Eu estive esse ano visitando Pirenópolis lá em Goiás, e tem uma fazenda nesta cidade - Pirenópolis - chamada Babilônia e parte da coluna Prestes passou por esta fazenda, chegou a se hospedar lá. O dono desta fazenda chegou a matar alguns membros da coluna Prestes, então eles morriam às vezes por ações de civis que achavam simplesmente que eles eram um bando de baderneiros. Normalmente, é claro, grandes latifundiários etc. Mas também teve ações que não eram do governo - exatamente - contra eles.

Além dos coronéis, uma grande ajuda na luta contra a coluna Prestes foi prestada por grupos de cangaceiros. O governo prometeu a eles anistia pelos seus crimes e ajuda financeira. Há boatos - Não confirmados - de que o próprio Lampião chegou a combater a coluna, mas isso nunca foi provado.

Alias nós também comentamos isso - na verdade o Igor e o Francisco - no episódio #6 sobre Lampião.

[46:54]

Com esses problemas, com as condições difíceis e algumas desistências, o grupo começou a dispersar. Além disso, as pessoas acabaram por não aderir ao movimento, conforme seus líderes imaginavam no começo. Aliás, algo parecido aconteceria anos depois em movimentos como a **Guerrilha do Araguaia**.

Parte da Coluna seguiu rumo ao Paraguai, liderados por Miguel Costa, e outra parte marchou rumo à Bolívia, liderados por **Luís Carlos Prestes**. Saindo do Brasil, os líderes do movimento se refugiaram no exterior e assim a Coluna chegou ao fim.

Luís Carlos Prestes na Bolívia estudou o marxismo e de lá foi para a Argentina onde se reuniu com o presidente do **Partido Comunista Brasileiro, Agildo Barata**. De lá ele vai para a **União Soviética** onde é treinado, junto com várias outras lideranças mundiais, para voltar anos depois já no governo Vargas como líder do PCB e organizar a **Intentona Comunista**, mas isso é assunto para outro episódio, a gente não vai se estender aqui nesta questão da Intentona Comunista.

Relatos de pessoas dizem que a Coluna era recebida com festa nas cidades onde chegava, mas essa versão é contestada por muitas pessoas que relatam que a Coluna realizou saques, vandalismos e estupros em muitos dos locais onde passava e as populações chegavam a abandonar as cidades quando sabia que eles estavam chegando. E isso, inclusive, foi um dos motivos que impediu um maior apoio popular à esta causa.

E, com o fim da Coluna Prestes em 1927, chegava também ao fim o Movimento Tenentista.

[CONSEQUÊNCIAS]

[48:31]

Francisco Seixá

Mas esse movimento não foi em vão. Eles podem não ter conseguido tomar o poder de forma definitiva, mas ajudaram a ruir as bases da República Velha. É tanto que o presidente que venceu a coluna Prestes, **Washington Luís**, foi o último presidente deste período, já que depois dele a **Revolução de 30** levou ao poder **Getúlio Vargas**, encerrando também o período da Política do Café-com-Leite.

Aliás, o tenentismo foi central na chegada de Vargas ao poder. E no processo de debate sobre a sucessão de Washington Luís e aproveitando a fragilização das oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, começada pelo Tenentismo e aumentada pela quebra da **Bolsa de Nova York em 1929**, a oposição funda um partido, a **Aliança Liberal** que tem forte adesão dos líderes do tenentismo. Uma exceção é Luís Carlos Prestes, que nessa época já havia aderido ao marxismo, vivia no exterior e achava que colocar Getúlio Vargas no poder era apenas trocar uma oligarquia por outra. E eu vou fazer um comentário pessoal: Eu concordo plenamente com Luís Carlos Prestes. Além dele outros tenentistas formaram oposição a Vargas, como **Juracy Magalhães**, **Juarez Távora** e **Eduardo Gomes**, e os que apoiaram a Revolução de 30 acabaram em 1945 ajudando a depor o mesmo Getúlio que eles levaram ao poder.

Além disso tudo, esse movimento incutiu na população o pensamento de que é possível e algumas vezes necessário se opor ao poder vigente para colocar em pauta suas necessidades e demandas.

[50:11]

Jorge Virgílio

Francisco, só fazendo um último comentário sobre isso. É também importante lembrar que os generais que viriam tomar o poder em 1964 - neste outro golpe o Golpe de 64 - eles eram tenentes nesta época, então deste movimento tenentista vai sair lá a sementinha do golpe de 64, nos seus dois partidos - que eram os duros e o pessoal da Sorbone - todos eles estavam ali, eram jovens tenentes nesta época e eram aquela ala um pouco mais radical que pensava que o Brasil não está preparado para ser uma democracia, tem muita politicagem, o povo é

analfabeto de mais, então a gente precisa ter um governo que pessoa que governem pela “tecnocracia” vamos dizer assim.

Então este movimento tem uma repercussão muito grande durante vários períodos da história do Brasil. Tanto no golpe do Vargas quanto no golpe posterior de 64 em que você tirou - vamos dizer assim - os intermediários civis.

[ENCERRAMENTO]

[51:08]

Francisco Seixas

Exatamente, mas nós encerramos aqui mais um Temacast deixando um enorme agradecimento a você que nos escutou até agora.

[CHAMADA PARA O HANGOUT]

Mas nós gostaríamos de lembrar aos nossos ouvintes que a leitura dos emails e comentários enviados ao TC não será mais anexada ao episódio como fazíamos antes. Agora, nós iremos realizar um hangout ao vivo que será agendado em data a ser marcada lá no nosso grupo no Facebook através de um evento, portanto, fique ligado e participe conosco.

Igor Alcântara

E se você ainda não faz parte do nosso grupo basta acessar através do link temacast.com.br/saibamais, solicitar o ingresso e interagir com outros ouvintes e com a equipe do TC.

Jorge Virgílio

E também não se esqueçam de nos seguir no twitter twitter.com/temacast e visitar nossa página no Facebook facebook.com/temacast e quando passar lá dê uma curtidinha.

E agora a gente vai para o nosso bloco de Jabá e eu vou convidar o meu amigo Igor Rafael Alcântara para fazer o jabá.

Igor Alcântara

Olha aí, falou meu nome completo deve estar com raiva de mim...

Francisco Seixas

Quando falar o nome completo é sinal de raiva é quando vem da mãe da gente.

Igor Alcântara

A, entendi então.

Bom, eu não vou falar de nenhum livro específico hoje, mas eu vou pedir para os ouvintes entrarem lá no meu site - igoralcantara.com.br.

Se você - claro - saber mais sobre os meus livros, fique a vontade. Mas o objetivo principal deste jabá de hoje não é esse.

Você vai entrar no meu site, você vai encontrar um link para você preencher um formulário, se você tiver interesse em participar do meu Workshop - que já está todo formatado, eu só

preciso agora encontrar um público razoável para eu fazer esse workshop e decidir uma data para a gente colocar ele em ação. Então você vai preencher o formulário que vai ajudar eu a entender melhor as pessoas interessadas, a ideia é que seria num final de semana - em um sábado ou em um domingo, o dia inteiro. E vai ser on-line, então você de qualquer lugar do mundo vai poder participar. Então você entra lá no igoralcantara.com.br, procura lá sobre este formulário - sobre o workshop de ciência de dados - e preenche lá se você tiver interesse.

[53:15]

Francisco Seixas

E agora eu vou chamar o meu amigo Jorge Virgílio de Almeida.

Jorge Virgílio

Eu desta vez não vou fazer o jabá, nem do TC. Vou chamar a atenção mesmo: Vou dizer que a gente está tendo muita pouca adesão dos ouvintes, o pessoal não está comentando. Então vamos lá pessoal, vamos comentar, vamos dizer o que vocês estão achando dos episódios - se está ruim, se está bom, se tem que melhorar, se já chegamos a ser o melhor podcast do Brasil. Então a gente quer mais adesão dos nossos ouvintes. A gente está achando que o pessoal está muito sumido.

Então vamos lá, vamos escrever para o temacast.

Francisco Seixas

Então agora, no finalzinho de tudo, eu quero deixar um grande abraço para o Igor, para o Jorge e para os nossos ouvintes.

E até o próximo episódio. Um Grande Abraço - Bye Bye.

Igor Alcântara

Tchau Tchau

Jorge Virgílio

Tchau pessoal.